



## **RELAÇÕES INTERÉTNICAS ENTRE AS ALDEIAS JAGUAPIRÚ E BORORÓ NA RESERVA INDÍGENA DE DOURADOS**

**MARTINS, Letícia Espadim<sup>1</sup>** (leticia.espadim@outlook.com); **MOTA, Juliana Grasieli Bueno<sup>2</sup>** (julianamota@ufgd.edu.br);

<sup>1</sup> Discente do curso de Relações Internacionais da UFGD – Dourados;

<sup>2</sup> Docente do curso de Geografia da UFGD – Dourados.

“Lugar de índio é na Reserva”. Este trabalho apresenta uma reflexão acerca de “lugar” e de “índio”. O esmiuçar da questão nos leva a dois caminhos de investigação pelos quais devemos de percorrer. O primeiro diz respeito ao termo “lugar”, compreendido e utilizado ao longo do trabalho através do conceito geográfico de “território”, sujeito no caso dos Guarani, Kaiowá e Terena à processos desterritorialização de seus territórios tradicionalmente ocupados e territorialização precária no espaço da Reserva Indígena de Dourados. Destacamos o fato da criação da Reserva Indígena de Dourados, em 1917 pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), estar vinculada ao discurso de assimilação dos indígenas à sociedade nacional e ao esbulho de seus territórios tradicionais pelas forças do Estado e pelas frentes de expansão econômica. Esse movimento de desterritorialização de seus territórios e territorialização precária na Reserva resultou em transformações identitárias para os Guarani, Kaiowá e Terena. O caráter relacional do conceito de identidade nos mostra como essas transformações também foram resultado da necessidade de compartilhamento de território imposta a esses povos, já que no passado a configuração social e organizacional desses não incluía o compartilhar do território. As novas configurações socioespaciais forçaram a reconfiguração das identidades dos Guarani, Kaiowá e Terena originando espaços de disputas e alianças na Reserva. A citação que abre o trabalho é fruto do imaginário racista e ocidental essencializante que projeta o “índio” como uma figura “genérica”; bárbaros; alheios aos processos e problemáticas da sociedade nacional. Todavia, nosso segundo caminho de investigação aponta que tal imaginário no decorrer da caminhada de construção do conhecimento científico é substituído pela inegável riqueza de formas de “ser e viver” como indígena(s). Os dois caminhos nos levam a compreender as relações interétnicas presentes na Reserva com base no transformar/recriar dos territórios e das identidades no transcurso do espaço-tempo, marcado pelas mudanças geracionais. Portanto, ressaltamos que as informações presentes no trabalho decorrem de vivências de informantes de diferentes idades, localizações de moradia dentro da Reserva e etnia, gentilmente compartilhadas conosco por meio de entrevistas em profundidade e observação participante. Se a afirmação inicial limita os indígenas a um único espaço, a Reserva, e considera que não há distinção entre os povos indígenas, enclausurando a diversidade étnica existente no singular do substantivo “índio”, o passado e o presente da Reserva nos mostram o contrário. Em completa oposição a qualquer tentativa de homogeneização, as múltiplas formas de “ser e viver” dos indígenas transbordam os limites do que o Estado e a sociedade brasileira entendem por território e identidade indígena. A Reserva é lugar de diversidade, sendo então a mais legítima *casa* da transformação. Seus habitantes são a nova identidade coletiva dos Guarani, Kaiowá e Terena, o/a morador/a da Reserva.

**Palavras-chave:** Identidade; Diferenças Etnogeográficas; Territorialidades.

**Agradecimentos:** À todos e todas moradores/moradoras da Reserva Indígena de Dourados que gentilmente me receberam em suas casas e suas vidas, reafirmo meu eterno compromisso e agradecimento ao povo Guarani, Kaiowá e Terena, Aguyjevete! Agradeço também à minha orientadora pela dedicação e carinho, ao Núcleo de Assuntos Indígenas da UFGD (NAIN/UFGD) pelos anos de experiência e a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) pela concessão de bolsa de iniciação científica a primeira autora.